


Durrão Barroso		<p><b>2000</b></p> <p><i>Quando não posso louvar, calo-me</i> (Paulo Portas, ao jornal <i>Público</i>, de 1 de Março)</p> <p><i>Considero tudo perdido em Portugal e sem remissão possível. Sendo assim, para que há-de a gente afligir-se inutilmente? A natureza para quem sente crescer-lhe a vida interior no meio dela, basta</i> (Antero de Quental em carta a Faria e Maia, de 2 de Janeiro de 1882)</p> <p><i>A sociedade já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era – mas muito menos ainda pode ser o que é</i> (Almeida Garrett)</p>
	<p><b>A revelação do terceiro segredo de Fátima</b></p>	

● **O último ano do milénio** – Segunda cimeira dos reformadores em Berlim, os chamados modernizadores da *terceira-via*, com Bill Clinton presente, onde os participantes se comprometem no controlo da globalização e prometem uma governação de progresso (2 e 3 de Junho). Há manifestações anti-mundialização em Washington durante a reunião da Assembleia-geral do FMI (16 e 17 de Abril) e reúne-se a Assembleia-Geral do Milénio da ONU (06 de Agosto). Cientistas norte-americanos descodificam os genes de três cromossomas humanos (13 de Abril), realizam-se os Jogos Olímpicos de Sydney (15 de Setembro a 1 de Outubro) e sucede nova presidência portuguesa da União Europeia (de 1 de Janeiro a 30 de Junho). O Conselho Europeu de Nice assina a carta dos direitos fundamentais e aprova tímida reforma das instituições comunitárias (7 a 11 de Dezembro), sendo marcada nova conferência intergovernamental para 2004. Realiza-se em Lisboa um Conselho Europeu extraordinário, para adoptar decisões sobre uma nova estratégia da União de reforço do emprego, das reformas económicas e da coesão social, enquanto partes integrantes duma economia assente no conhecimento (23 e 24 de Março) e há também a reunião ordinária do mesmo Conselho Europeu em Santa Maria da Feira, onde são adoptadas as Orientações Gerais das Políticas Económicas dos Estados-Membros e da Comunidade para o ano 2000 e uma Estratégia Comum para a Região Mediterrânica.

● **Revolução global** – O barril de ódio do Médio Oriente, se ameaça o preço do barril de petróleo, ameaça ainda mais o entusiasmo gnóstico da globalização pregada pelos adeptos do fim da história. Face a este regresso a guerras santas, teocracias e genocídios, importa relativizar os males portugueses. Porque, apesar da música de Vangelis, os Guterres, Clinton, Blair, Schroder, Jospin, Chirac e Prodi têm todos o mesmo sorriso posticamente plastificado do videopoder. São moda que há-de passar de moda. Vive-se, com efeito, um tempo de revolução global, aliás, a primeira revolução global da história da humanidade. Onde o global não é necessariamente a restrita globalização económica e financeira do chamado *pensamento único*, mas um sentimento de planeta unidimensional, provocado pela existência de ameaças globais que roubaram aos campos da profecia e da poesia os sonhos da sociedade do género humano, essa *civitas maxima*, onde todos podemos ser cidadãos do mundo. A ameaça

já não vem apenas de outras entidades políticas diferentes da nossa, de um *inimicus* idêntico, mas daquelas ameaças que ameaçam realmente todos os homens, desde o risco tecnológico maior à fome; da doença provocada por vírus que não conhecem fronteiras às questões da segurança; dos problemas do ambiente às próprias tolices de um conceito de desenvolvimento quantitativo que esqueceu a entropia. Para além das organizações internacionais, marcadas pelo inter-estadual dos Estados a que chegámos, há também sinais e sementes de integração internacional, com a criação de novos pólos de poder supra-estaduais, de novas redes para onde os indivíduos transferem expectativas e lealdades, gerando uma pluralidade de pertenças, uma constelação de massas de actividade que só uma perspectiva pluralista do político pode contemplar. Repetindo Kant, poderemos dizer que o mundo exige *o acordo da política com a moral*, o que só é possível se recusarmos esses herdeiros da monarquia universal que se escondem sob os diáfanos mantos do *pensamento único*. Eles continuam a ser *o despotismo sem alma*, que, *depois de ter aniquilado os germes do bem, acaba sempre por conduzir à anarquia*, pelo que *as leis públicas de uma liga de povos crescerão sempre e abraçarão finalmente todos os povos da terra*

● **A pacatez lusitana** – Portugal continua a viver num pacato espaço fechado, onde qualquer intelectual ainda tem que parecer amigo desse *Alex* lusitano, nutrido pelas ideias dos revolucionários frustrados do *Maió 68*, os tais que nunca tinham digerido suficientemente as anteriores vitórias eleitorais da Aliança Democrática e de Cavaco Silva. Do mesmo modo, os grandes *ausentes-presentes*, como Mário Soares, Diogo Freitas do Amaral, Álvaro Cunhal ou Adriano Moreira, parecem entretidos nas suas tarefas de revisionismo memorialista, como se o país pudesse confundir-se com um epitáfio conjunto, organizado pela jornalista Maria João Avilez. Todos estes marechais, solidamente afundacionados ou prebendados em *jobs*, sempre poderiam sentenciar sobre o *dever-ser* das instituições que outrora geriram, esquecendo que ser senador não é o mesmo que ser gerontocrata. Quase todos padecem daquele mal dos *sábios* positivistas que, desordenando as ideias dos outros, esquematizam as suas paixões para as definirem depois como conceitos, para utilizarmos as palavras de António Sardinha sobre o magistério de Teófilo Braga. Mesmo as águas da opinião crítica dos *opinion makers* parecem plácidas para os próximos séculos. Qualquer director de jornal sabe que basta repartir os artigos conforme a percentagem eleitoral e o peso dos accionistas, com dois terços para os socialistas democráticos e um terço para os sociais-democratas, ou vice-versa, desde que

os mesmos sejam condimentados com certas margens da direita e alguns ex-radicalis de esquerda. Porque no meio circulam as famílias do costume. O clã Portas, com um filho na direita, radical, e outro na esquerda, também radical, rivaliza com a família Soares/Barroso, todos sentenciando sobre tudo, do futebol à gastronomia, da crítica musical à paz universal, do catolicismo militante à mais histórica das maçonarias. Os outros clãs apenas têm inveja do senatorialismo militante de Marcelo Rebelo de Sousa, capaz de sitiá-lo o parlamento e de arrelhar a presidência. Mas o estilo *Zip Zip* parece perder a capacidade de manobra, dado que Carlos Cruz e Herman José se assumem cada vez mais como uma espécie de Eusébios eleitorais e símbolos da nossa identidade ameaçada.

● **Lisboa volta a ser capital da Europa** – Portugal, durante seis meses, volta a ser presidente da União Europeia. Mas já não se utiliza o Centro Cultural de Belém, construído pelo cavaquismo para tal efeito.

● **Segunda visita de João Paulo II a Portugal**, para a beatificação dos pastorinhos de Fátima (13 de Maio). No dia 26 o Vaticano revela o chamado terceiro segredo de Fátima.

● **Debates de Julho** – No mês de Julho há intensos debates sobre o estado da nação, discute-se uma moção de censura apresentada pela oposição e analisa-se o desempenho da presidência portuguesa da União Europeia, a que acresce a apressada aprovação de algumas emblemáticas leis, desde a

conservadora reforma da segurança social à não plebiscitada descriminalização do consumo de drogas.

● **A esquerda e a direita do novo milénio** – A esquerda e a direita não passam de posições relativas que variam conforme as circunstâncias e que só desabrocham numa democracia pluralista e competitiva, pelo que ligá-las a situações autoritárias ou totalitárias do passado apenas interessa a quem não sabe que, num sistema político aberto, qualquer partido é sempre uma parte em competição com outra parte, onde só há esquerda porque há direita e vice-versa. Só os utopistas do passado, isto é, os reciclados de extrema direita e de extrema esquerda, é que conseguem fazer uma distinção substancial e ontológica entre a direita e a esquerda, não percebendo que tanto uma como outra são meras posições relativas que têm como pressuposto uma democracia pluralista e competitiva. Servem para qualificar meros partidos ou grupos de partidos, isto é, partes em competição com outras partes, onde qualquer esquerda para o poder ser precisa sempre de uma direita e vice-versa. Aliás, a direita e a esquerda variam conforme as circunstâncias, não sendo raro que muitas esquerdas sejam antigas direitas e que haja governos de direita com programas de esquerda e governos de esquerda com mentalidade de direita. Por isso, as analogias com modelos antidemocráticos são sempre falaciosas, dado que todas as situações autoritárias e totalitárias sempre disseram que estavam acima da direita e da esquerda porque todos nunca eram demais para servir o país. Basta recordar que, à semelhança da terminologia de Estaline, também o partido único do nosso regime derrubado em 1974, no seu último congresso chegou a assumir a designação de centro, quando já não podia esconder que havia partes em Portugal. Felizmente que o nosso regime político, desde abandonou as tentações vanguardistas, assistiu a uma sucessão de governos de esquerda e de direita, com eleitores geneticamente de esquerda a votarem em partidos de direita e o inverso. Foi assim com a Aliança Democrática, apoiada pelos Reformadores. Voltou tal a acontecer com a vitória relativa do PS de Mário Soares que deu origem ao Bloco Central. Repetiu-se a dose com Cavaco Silva que chegou a roubar

eleitorado ao próprio PCP e da mesma maneira funcionou a ascensão ao poder de e, de certa maneira, repetem coisas boas e coisas más praticadas pelos cabralismo, pelo Guterres, com muita direita anticavaquista a dar-lhe direito a situar-se no extremo-centro.

● **O centrão** – Com efeito, as secções portuguesas do Partido Popular Europeu e da Internacional Socialista que, hoje, coincidem com os antigos partidos do Bloco Central, porque se enfrentam em idênticos terrenos valorativos e sociológicos, estão pouco interessadas no desenvolvimento de uma dialéctica esquerda/ direita. Ambos os partidos sabem que todos os inquéritos feitos ao eleitorado português demonstram a existência de um vale sociológico de cerca de oitenta por cento de cidadãos, com duas margens de dez por cento, à direita e à esquerda, mais ou menos rígidas.

● **As margens** – Só os representantes institucionais e parlamentares dos dois bloquinhos dos dez por cento é que estão interessados numa distinção substancial entre a direita e a esquerda, baseada em âncoras ideológicas, dado que ao PSD e o PS convém uma distinção meramente táctica ou processual, baseada em tópicos mais ou menos flutuantes.

● **A margem direita** – O discurso estratégico de Paulo Portas é, aliás, eloquente, quando, em coincidência com o “Movimento 10 de Junho”, de Jaime Nogueira Pinto, e os antigos militantes do “Nação Una”, com Manuel Monteiro e Paulo Teixeira Pinto, acirra a ideia eurocéptica e recorda as lutas contra a despenalização do aborto e a regionalização, propondo um referendo contra a descriminalização das drogas e tentando lançar um conglomerado de ideias ditas de direita, em torno da soberania nacional e dos “bons costumes” vitorianos, segundo a versão salazarenta.

● **A margem esquerda** – Do mesmo modo, os esquerdistas ontológicos, da esquerda comunista ou revolucionária, mas com a boa educação dos filhos da grande burguesia instalada, aproveitam todas as ocasiões para serem os campeões do anti-proibicionismo, do ecologismo, do laicismo e de certas memórias internacionalistas do “Maio 68”.

● **O hibridismo centrista** – Pelo contrário, tanto ao PS como ao PSD interessa o hibridismo que lhes permita continuar a

navegar no mar sociológico dos oitenta por cento de centristas, onde só as pessoas com mais de vinte e cinco anos nasceram antes do 25 de Abril de 1974 e onde só as pessoas com mais de quarenta e cinco anos podiam votar antes da data referida.

●**Guterres e Cavaco** – O êxito do Engenheiro Guterres foi directamente proporcional ao do Professor Cavaco Silva. Os dois falaram para o país do novo eleitorado, porque ambos, apesar da idade, nunca tinham sido “fascistas” nem “antifascistas”. Ambos são europeístas q.b., patriotas “malgré tout” e invocam convicções católicas. O professor de economia tende a parecer mais tecnocrata, o engenheiro a mostrar-se mais sensível às misérias sociais. Mesmo que não sejam especialistas em história política portuguesa, eles têm a intuição de quem teve êxito político no Portugal Contemporâneo fontismo e pelo salazarismo, esses modelos de empirismo organizador na conquista e manutenção do poder, onde nunca interessaram doutrinarismos, mas o “attrappe tout” da personalização do poder, em nome de moderados “amanhãs que cantam”. É impressionante verificarmos como há uma identidade fundamental dos políticos profissionais portugueses nestes quase duzentos anos de sociedade demo-liberal, onde domina a mentalidade do “Portugal dos pequenitos” com a “mania das grandezas”. Um exemplar laboratório de sociologia política, onde há a permanente lei da “queda do anjo”, conforme a sátira de Camilo Castelo Branco, com fundas raízes nesse magnífico tratado da “Arte de Furtar”. Na verdade, os políticos profissionais deste país, esses que seguem o “cursus honorum” dos deputáveis, ministeriáveis, presidenciais, são hoje dominados por uma geração cinquentona, ou quase, marcada por uma traumática saída da adolescência nos anos sessenta, do crepúsculo do Estado Novo. Todos eles dependem muito das más leituras que fizeram entre os dezoito e os vinte anos de idade. É de alguns desses anjinhos decaídos que apetece falar. Se o Engenheiro Guterres precisa do antifascismo choramingas do Presidente Sampaio, cujas memórias de líder de RGA, dão utopia de esquerda passadista ao situacionismo, já o PSD tem um caminho bem mais difícil a percorrer, porque algumas incógnitas têm de

ser resolvidas antes da clarificação estratégica. O problema talvez não esteja na presença de Cavaco Silva nem na liderança de Durão Barroso, mas na equipa que o partido tem disponível para uma oposição global com credibilidade de alternância.

●**Nas eleições regionais** de 15 de Outubro, renovada vitória do PS nos Açores, sob a liderança de Carlos César, agora com maioria absoluta. Alberto João Jardim e o PSD continuam a imperar na Madeira, apesar das denúncias dos socialistas sobre a existência de um défice democrático. As autonomias regionais, uma das mais belas realizações do nosso regime, apesar de não serem enfatizadas pelo programa do MFA, demonstram como a liberdade sempre foi mais um produto da acção dos homens do que o resultado das intenções de certos programas vanguardistas.

●**No último ano do milénio**, quando se divulgam os resultados da descoberta do genoma humano, poucas são as notícias políticas lusitanas, com dimensão superadora dos *faits-divers*. Em Março, no Congresso do PP em Viseu, que reforça as posições de Paulo Portas, dá-se o regresso de alguns históricos, com Basílio Horta a reafirmar-se no partido, enquanto no final do ano, no congresso do PCP, se retomam as teses clássicas da fidelidade cunhalista, sem cedência aos chamados renovadores.

●**As novas desportivas** parecem mais mobilizadoras, com duas medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de Sydney, em Setembro (Nuno Delgado no judo e Fernanda Ribeiro no atletismo) e o Sporting Clube de Portugal a voltar a ser campeão nacional de futebol, ao fim de dezoito anos de espera (Maio), para além de a selecção portuguesa de futebol ter atingido as meias finais no Campeonato Europeu de Futebol.

●**Timor e incineradoras**. Já o Presidente Sampaio visita oficialmente Timor-Leste (Fevereiro) e o Conselho de Ministros, devido à teimosia de José Sócrates aprova que, nas cimenteiras do Outão e de Souselas, se utilize o processo de co-incineração de resíduos tóxicos (Junho), o que leva a acalorados debates com ambientalistas e esquerdistas, nomeadamente em Coimbra, com os contestadores da atitude governamental a serem liderados por Boaventura Sousa Santos.

●**Consumo de droga.** E no ano em que George W. Bush é declarado eleito presidente dos Estados Unidos da América, assinale-se que, entre nós, o mero consumo de drogas deixa de ser crime e de, consequentemente, ser punido com prisão (6 de Julho).

●**O desencanto e a inveja igualitária.** O nosso verbalismo fácil da inveja igualitária alimenta altas expectativas que, quando confrontadas com as realizações, acaba por gerar a frustração, pelo que, muito esquizofrenicamente, passamos de *bestiais a bestas*, dos melhores do mundo a arrastados acompanhantes da cauda do pelotão. E quando o desencanto se apodera de nós, logo surgem brilhantes raciocínios que levam *a culpa a morrer solteira*, com muitos discursos de justificação e outras tantas desculpas, onde o presidente da federação acusa o atleta, onde o atleta acusa o treinador e onde o treinador diz que a culpa é do sistema. Mais do que viragens à esquerda e à direita, o actual ciclo guterrista aproxima-se crescentemente do modelo decadentista do crepúsculo do *tabu* cavaquista, de tal maneira que o próprio Primeiro-Ministro trata de se defender em São Bento dos ataques do PSD, lendo anteriores discursos do próprio Cavaco Silva, ao mesmo tempo que este se vai transformando em mais um dos nossos falsos D. Sebastião, capaz de mudar os resultados anti-europeístas do referendo dinamarquês, de levar à baixa dos preços do petróleo ou de garantir a estabilidade do euro.

●**Um governo de meia-esquerda.** Julgo que o único comentário que se adequa ao actual estado de coisas é bem simples: temos o governo que merecemos. Bojudo, verborreico, incompetente, sem ideias. Um governo de meia-esquerda que bem podia ser de meia-direita e que, para se aguentar, faz um leilão de apoios orçamentais, prometendo *benesses* a quem quiser negociar dois ou três votos. Pede aos *verdes*, para estes pedirem autorização a Carvalhas; pede aos deputados da Madeira, para estes tramarem Barroso; tenta fraccionar os *jotas* com o referendo da droga; não fecha a porta a Portas e até continua a namorar com os trotskistas. Todos nunca são demais para que poucos continuem o ritmo do *comer à mesa do orçamento*, dieta que, desde o *raposa* Rodrigo da Fonseca, transforma exaltados revolucionários em venerandas figuras de muito estadão, sejam

ministros de Estado ou para a reforma do Estado. A barganha vai assim embrulhando a crise, com esperança de vencer os sinais de ruptura. Porque o governo há-de continuar *de vitória em vitória, até a uma derrota final*. A governação do estado a que chegámos é mero produto do reino da quantidade massificadora, onde os instintos superam a inteligência e onde esta continua a não querer casar-se com a honra. O actual estilo do Engenheiro Guterres está em plena sintonia com a *ditadura de um proletariado* do mau-gosto, como transparece do *Big Brother*, e dos muitos concursos televisivos da sociedade de casino, onde a roleta das perguntas de algibeira até dá a ilusão que é para isso que serve o sistema de ensino.

●**Indiferentismo e apatia.** Quando há expectativas que não assentam em reais capacidades, o desencanto é inevitável e a revolta ameaça. As grandes potencialidades, apregoadas na feira das vaidades, são também as grandes vulnerabilidades do quotidiano vivido. Os maiores inimigos da democracia são os que gastam, pelo mau uso, a palavra democracia. Os tais reincidentes da falta de autenticidade que, pregando como Frei Tomás, acabam por prostituir a mesma democracia pelo abuso discursivo da palavra que aprenderam na respectiva juventude totalitária. O crescendo do indiferentismo e da apatia, bem como o assustador desenvolvimento da corrupção e do clientelismo, se não forem tomadas corajosas no sentido da moralização da política, fazem que, no dobrar da esquina, apareça um qualquer Vale e Azevedo, o qual, vendendo a ilusão de podermos voltar a *jogar à Benfica*, nos levará a ainda mais derrotas, pelo que, depois de perdermos o ouro e a prata, nem sequer com migalhas de bronze seremos ornados...

●**Decadentismo** – No último trimestre do século XX, o chamado *sector intelectual* do Partido da Pátria Portuguesa vive um curioso decadentismo *fin de siècle*, onde os principais teóricos do situacionismo, isto é, os canalizadores da opinião pública instalada nos grandes meios de comunicação oficiosos, começam a falar em *crise de regime*. Tentando arriscar uma explicação sarcástica para o presente deserto de ideias, apenas notaremos que, depois dessa mistura de cabralismo e de fontismo chamada Cavaco

Silva ter tirado à direita a vertigem do risco sá-carneirista, eis que idêntico utilitarismo acabou por marcar a esquerda *soft* capaz de mobilização para a governança. O guterrismo dos *Estados Gerais*, tentando dar aos restos de marxismo e jacobinismo da esquerda pós-cavaquista o sentido pietista do pintasilguismo e do melicianismo, acabou por gerar uma sincrética mistura de contrários, onde o fantasma de António Maria, com betão em vez de *macadame*, apenas foi substituído pelas jogatanas politigueiras de José Luciano Corte Real, com algumas inaugurações de fontanários. Entre essas ridículas misturas, tanto se inclui a tentativa de conúbio de certos aventais com certo sacristanismo, como a conseguida junção do estadualismo de ex-salazaristas com o colectivismo de ex-militantes do marxismo-leninismo, maoísta ou cunhalista, para além da concretização de uma *terceira via* à portuguesa, com a nova esquerda moderna plataformista a ser apoiada pela velha direita dos interesses, no tal *pior governo de Portugal desde a Senhora D. Maria I*, para citar um dito do Professor Sousa Franco. Essas misturas, que nem sequer a síntese conseguiram, ficam-se pelo sincrético gaguejante de uma indecisão, onde, face ao vazio de racionalidade ética, não se conseguiu a harmonia conciliadora da arte política democrática. Sem dizer, como o rei D. Carlos, que isto é *um país de bananas governado por sacanas*, talvez seja de reconhecer que o situacionismo segue a máxima do empirismo organizador de Salazar, segundo o qual *o essencial do poder é procurar manter-se*. O chamado *coração à esquerda com a razão à direita* corre o risco de ficar-se pela mera vontade de poder do aparelhismo partidocrático, onde, em vez dos *job for the boys*, há *boys for the jobs*..

●**Nem maçons, nem católicos** – O decadentismo é crescente. Em primeiro lugar, a tensão entre maçons e católicos, em vez de se assumir como uma mais valia no sentido da conciliação do humanismo laico com o humanismo cristão, acaba por ceder ao pequeno fundamentalismo cartesiano-marxista de certa esquerda coimbrã com saudades do pombalismo. Em segundo lugar, o socialismo guterrista, copiando o pior da *democrazia cristiana* ultramontana e o menos bom do socialismo de *nuestros hermanos*, continua a dar tacho e a ter a conseqüente

complacência colaboracionista de certas figuras do *Ancien Régime*, bem acobertadas pelo *lobby* soarista. Uma Santa Aliança Laica com uma retroactiva e parcelar ideologia republicanista, dado que se esquece de Basílio Teles, Leonardo Coimbra, António Granjo ou Teixeira de Pascoaes.

● **Fátima** – As chamadas *aparuições de Fátima* ocorreram sucessivamente em 13 de Maio, 13 de Junho, 13 de Julho, 19 de Agosto, 13 de Setembro e 13 de Outubro do ano de 1917. A 13 de Julho (30 de Junho do calendário russo de então), a aparição terá dito: *se atenderem aos meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados. O Santo Padre terá muito que sofrer. Várias nações serão aniquiladas. Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á à Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de Paz ...* as reticências constituem o já desvendado segredo. Recorde-se que em 31 de Outubro de 1942, o Papa Pio XII, fez essa consagração à Rússia, proclamando: *aos povos pelo erro e pela discórdia separados, nomeadamente àqueles que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não sustentasse a vossa Veneranda Ícone (talvez escondida e reservada para melhores dias), dai-lhes a paz e reconduzi-os ao único redil de Cristo, sob o único e verdadeiro Pastor.* Acrescente-se que o cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, em 1951, proclamou o seguinte: *Fátima, Altar do Mundo, opõe-se a Moscovo, capital do Reino do Anti-Cristo. Não é só coincidência das datas que tal sugere, é, sobretudo, oposição dos espíritos.* Sublinhe-se, contudo, que o cristianismo russo não é católico, apostólico, romano e que em 13 de Julho de 1917 os bolchevistas ainda não estavam no poder. Mais: Portugal, nesse mesmo período de 1917, vivia um processo particularmente traumático de fome, peste e guerra. Em 26 de Janeiro, partia para França o primeiro contingente do Corpo Expedicionário Português. Em Maio atingia-se o ponto alto da crise das subsistências, ocorrendo em 12 de Maio, em Lisboa, a chamada revolta dos abastecimentos. Ao mesmo tempo, dava-se um violento confronto entre o Estado republicano e a Igreja Católica, chegando a ser afastados das respectivas dioceses o bispo do Porto e o cardeal patriarca de Lisboa. O ano vai, aliás, terminar com a ascensão de Sidónio Pais ao poder, na sequência da revolta de 7 de Dezembro. E com o sidonismo vai dar-se um abrandamento da participação portuguesa na Grande Guerra e uma diminuição da tensão entre o Estado e a Igreja. Isto é, o bolchevismo esteve para a Rússia, assim como o sidonismo esteve para Portugal. A diferença talvez esteja entre o Mausoléu de Lenine e a Basílica de Fátima, sinais de pedra semeados na mesma altura, um em nome da *Estrela Vermelha*, outra consagrando *Nossa Senhora de Fátima*. Tal como a beatificação de Jacinta e Francisco se aproxima da beatificação do Condestável Nun'Álvares, com o agnóstico Jorge Sampaio a ser tão institucionalmente simpático quanto o foi o seu venerando antecessor no cargo e no espírito, António José de Almeida, já que o crente Almirante Tomás apenas teve direito a presidir à procissão marítima que transportou o coração do maçon D. Pedro IV. Importa, contudo, ser cuidadoso. As explicações pretensamente racionalistas, filhas da cepa físico-matemática, que tentam interpretar a história, mesmo que prendes de hiper-informação, não conseguem ter a humildade de reconhecer mistérios, segredos e milagres. Ora acontece que as consequências sociais e políticas parecem não alinhar com todos aqueles que pretendem explicar por causa-efeito o que talvez só possa ser compreendido pelos fins que vêm depois do Fim. Mais: os mitos do *desenvolvimento* e do *progresso*, que vão impregnando a *história dos vencedores* têm impedido que as culturas *vencidas da vida* da nossa Europa possam participar na luta pela mesma vida com a autenticidade do direito à diferença. Estão nestas condições tanto os latinos e os povos de tradição católica, como os eslavos e os povos de tradição ortodoxa, afinal, os mais directos herdeiros dos Impérios Romanos extintos em 476 e 1453. Só podemos pedir à Rússia que se religue à Europa, se dermos à Europa uma dimensão onde possa caber a *diferença* eslava, ortodoxa e russa. Tal como Portugal apenas poderá ser europeu, se for europeu em Portugal e a partir de Portugal. Os chamados *nacionalismos*, essas brasas não apagadas que as cinzas dos vários e ineficazes tratados de paz fingiram apagar e que ocasionais sopros dos *ventos da história* estão a avivar sangrentamente, constituem os tais demónios das paixões identitárias, indomáveis pelas ditaduras racionalistas das boas intenções, muito constitucionalmente demo-liberalistas, muito mercadologicamente capitalistas, ou muito ecologicamente pós-ideológicas, mas quase sempre hipócritas, porque não conseguem viver nem pensar como dizem pensar. Os antiquados segredos de cozinha dos livros de receitas estrategistas bem como os dicionários da opinião comum que continuam a conformar os *opinion makers* da nossa aldeia global da informação simultânea, perdidos nas notas de pé de página da hiper-informação, ou subjugados por categorias abstractas e por unidimensionais conceitos operacionais, continuam a confundir as árvores com a floresta, parecendo incapazes de uma compreensiva leitura dos *sinais dos tempos*. Talvez valha a pena procurar, com realismo, a *alma dos povos*, mesmo que as sendas de tal perspectiva possam ter que atravessar as areias movediças e os desfiladeiros do mítico e da profecia. Porque todas as revoluções são sempre pós-revolucionárias. Porque o real é apenas a simples relação entre o que foi imaginado e aquilo que é possível dizer. Eis que fica sempre o largo espaço do indizível, a tal zona inapreensível pelos instrumentos da razão a que só o imaginário do simbólico nos pode fazer aceder. Porque, como diz S. Paulo, na *Epístola aos Coríntios 1*), *em parte conhecemos e em parte profetizamos e o que profetiza é maior do que o que fala em outras línguas. Assim, todos podereis profetizar, uns depois dos outros; para que todos aprendam e todos sejam consolados. Só quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido; agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face.*

oração de sapiência na abertura do ano lectivo do ISCSP, em 19 de Janeiro de 2000, in *Conjuntura Internacional, Lisboa, ISCSP, 1999, pp. 49-80.*; em 28 de Fevereiro, intervenção na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, no colóquio conjunto de estudos pós-graduados, promovido pela Universidade brasileira de Unisinos, sobre *No Princípio Estão os Princípios. A Filosofia Clássica e o Pensar a Coisa Pública*; em Junho, intervenção no Fórum 2000, promovido pelo ISCSP na Fundação Calouste Gulbenkian, intitulada *Da Falta de Autenticidade ao Processo de Compra do Poder. Uma abordagem politológica do tema da corrupção*; em 6 de Abril 2000, intervenção no colóquio de homenagem a Almerindo Lessa: *Almerindo Lessa: ou o cumprir, cumprindo o abraço armilar*; em 20 de Maio de 2000 *Introdução ao Estado*, no curso de formação política na Juventude Socialista (Cascais); colóquio sobre a Justiça na Faculdade de Direito de Lisboa; em 3 de Outubro, intervenção do colóquio “As perspectivas do ensino superior” promovido pelo IPSD, intitulada *O Ensino Superior à Procura de Bom Senso*; intervenção no Encontro Ambiente e Saúde no Centro Cultural de Belém, em 27 de Outubro, no painel *O Ambiente à nossa Mesa*, sobre o processo de intervenção do Estado no âmbito da política de segurança alimentar; apresentação da tese *Por uma Identidade Nacional Aberta* apresentada na Convenção do movimento cívico Intervenção Radical, apresentada em 28 de Outubro, na Universidade Lusófona; em 21 de Novembro, intervenção sobre *O Problema do Estado* no I Colóquio de Ciência Política do Núcleo de Ciência Política dos estudantes do ISCSP; intervenção no colóquio *O Atlântico Sul: História, Estratégia e Culturas*, na Faculdade de Estudos Sociais da Universidade de Brasília, intitulada *Para Além dos Estados Unidos da Saudade*, em 27 de Novembro; *D Crise do Estado ao Regresso da Política*, artigo publicado em Janeiro na revista *Economia Pura*, no número especial sobre o balanço do ano de 1999; inicia em 19 de Maio do ano 2000 a colaboração no *Euronotícias*